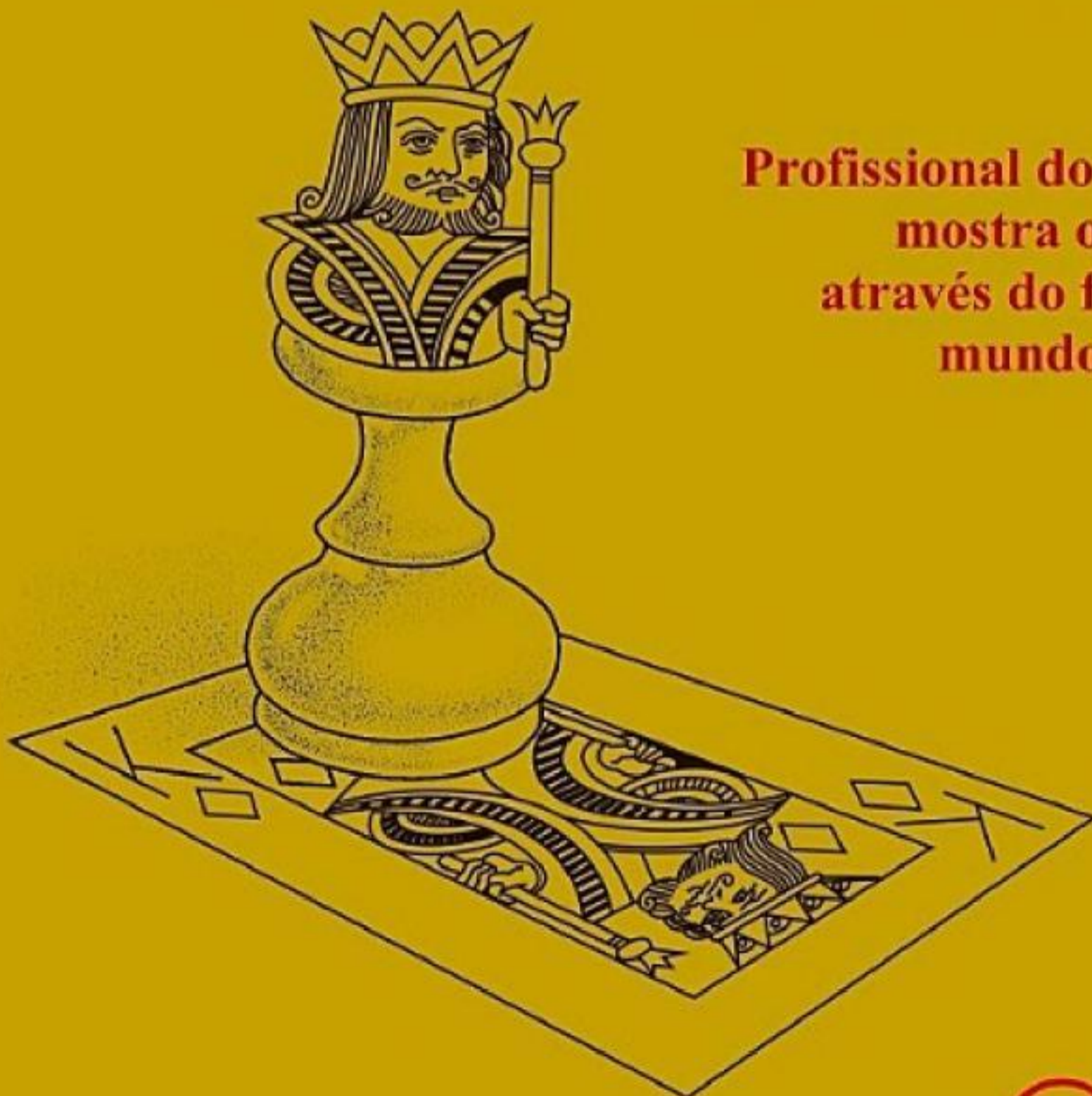


DÉCIO BAZIN

FAÇA FORTUNA COM AÇÕES

antes que seja tarde

**Profissional do Mercado
mostra o caminho
através do fascinante
mundo da Bolsa**



CLA editora

Material com direitos autorais

Editor: Fabio Humberg
Assistente editorial: Cristina Bragato
Capa: Conceição Cahú
Revisão: Renata Rocha Inforzato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bazin, Décio, 1931–2003

Faça fortuna com ações, antes que seja tarde:
Profissional do mercado mostra o caminho /
Décio Bazin. – 8. Ed. – São Paulo: Editora
CLA, 2017.

Bibliografia.

1. Ações (Finanças) – Brasil 2. Investimentos
de capital – Brasil I. Título.

05-1892

CDD-33263220981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Ações: Investimentos financeiros:
Economia 332.63220981

Texto original do autor, de 1992, revisado em 1994.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

Todos os direitos para a Língua Portuguesa reservados

Editora CLA Cultural Ltda.

Tel: (11) 3766-9015 – e-mail: editoracla@editoracla.com.br

www.editoracla.com.br

*À querida esposa Dilma,
Dileta companheira durante 35 anos*

*Às nossas filhas
Maria Cristina e Maria Lúcia*

*Aos nossos netos
Mahyra, Vivian, Nathan e Priscila*

LEMBRETES

- Preços não sobem nem descem na Bolsa de Valores; são puxados ou derrubados.
- Na Bolsa, como no amor, é melhor esquecer os maus momentos.
- Ter dinheiro e perdê-lo é pior do que nunca tê-lo tido.
- Há duas coisas que incomodam na Bolsa: os prejuízos da gente e os lucros dos outros.
- O futuro recompensa os que têm paciência com ele.

O CAMINHO DAS PEDRAS, SEM FALAÇÃO

KLAUS KLEBER

Editor da GAZETA MERCANTIL

Em toda a minha já longa experiência de jornalista, poucas vezes encontrei um profissional que acreditasse tão fervorosamente na fecundidade do mercado de ações como Décio Bazin. Para ele, aí está a moral do capitalismo moderno, o capitalismo do interesse público.

As empresas, segundo Bazin, a partir de determinado ponto de crescimento deveriam ir ao mercado, amealhar junto ao público os recursos necessários para seu maior desenvolvimento, e dar frutos e reparti-los entre os que as ajudaram a prosperar. Sócios do capital como os sócios do trabalho.

Analista minucioso, observador atento, Bazin não acredita em utopias, como poderia parecer. Ele sabe que, tanto quanto a sua contraparte socialista, não existe um edulcorado “realismo capitalista”.

O que Bazin vê no mercado é grande número de empresas (a maioria) que recorre ao público quando precisa de dinheiro. Mas que se esquece da grande massa dos seus acionistas na hora da remuneração. E que não permite, pelos meios que ele tão bem explica neste livro, que a massa daqueles que colaboraram para tornar viáveis empreendimentos ou para permitir que estes cresçam possa aumentar sua participação em futuras colheitas.

Os investidores são tratados como frios números, não como pessoas que acreditaram e assumiram o risco na esperança de um futuro financeiramente mais relaxado ou mais protegido.

Se algum desencanto permeia este livro, o protesto não é a finalidade do autor. Para Bazin, o mercado de ações ainda é, apesar de tudo, meio legítimo e boa alternativa de ganhar dinheiro, para investir a poupança do trabalho, desde que se saiba como agir.

Bazin tem dúvidas sobre quanto tempo perdurará o Mercado nos moldes como o conhecemos, e honestamente recomenda aos leitores que aproveitem antes que seja tarde.

As Bolsas ainda comportam os pequenos e a estes Bazin quer mostrar o caminho das pedras.

Somente sob esse aspecto este livro já seria dificilmente comparável a outras obras sobre aplicações em Bolsas.

Sem jamais assumir postura professoral, Bazin transmite conhecimentos práticos que adquiriu e apanhou muito para adquirir. E evita deitar falação sobre modelos abstratos.

O estilo obedece à intenção. Em certo sentido, ele escreveu quase um romance, povoado de personagens, espécimes de vasto jardim zoológico, que ganham o spotlight tanto para instruir como para divertir os leitores.

Os tipos e as cores são reconhecíveis por aqueles que operam e operaram em Bolsas, frequentam corretoras ou se postam atrás dos vidros do “aquário” – como fez e ainda faz hoje, se bem que com menos assiduidade, o próprio Bazin.

Ele, que há mais de 30 anos aplica no mercado de ações, pode se considerar realizado como investidor. Prefere dizer que não tem teorias, sabendo como elas são falíveis. Sem se perder em generalidades, opta por condensar em alguns princípios básicos a sua experiência. Ao expô-los, ele se revela (para os que não o conhecem) ferrenho inimigo dos sofismas.

Tudo o que quer demonstrar, demonstra com números e fatos que ele próprio recolheu ou extraiu de publicações nacionais e internacionais, entre as quais se destacam a GAZETA MERCANTIL e a revista BALANÇO FINANCEIRO, a cujas redações deu seu empenho e talento durante anos.

Como verá o leitor, Bazin não tem medo de fórmulas, como a explicitação de seus princípios às vezes exige. Algumas delas são de sua própria criação. Não lhe agradam, contudo, as equações, os quebra-cabeças que tornam tão soporíferos, e não raro ilegíveis, textos ditos técnicos.

As receitas para investir encontradas neste livro são simples e podem ser entendidas por qualquer pessoa que conheça as quatro operações aritméticas.

Deus lhe poupou também o medo de criticar. Bazin não só vergasta o governo e a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) como também

contesta decisões e práticas das Bolsas de Valores e das corretoras, e não se detém nem mesmo diante de encastelados analistas, de cujas opiniões quase sempre discorda, ou de publicações que veiculam informações que lhe parecem perfumarias.

E, é lógico, não perderia essa oportunidade para contar histórias do Mercado que muita gente preferiria esquecer.

O que este livro contém, afinal, é um grande trabalho de reportagem, bem ao estilo do novo jornalismo, tão badalado e tão pouco praticado.

PRESTE ATENÇÃO

(Prefácio original à 1ª edição, de 1992, atualizado em 1994)

Os valores expressos neste livro são em dólar. Não por subserviência ao capital estrangeiro, mas porque nestes tempos inflacionários o dólar é a única moeda cujo valor a mente brasileira consegue entender.

Nossa moeda nacional mudou três vezes nos últimos nove anos. Era *cruzeiro* até 1986, quando passou para *cruzado*; depois foi *cruzado novo* em 1989; novamente *cruzeiro* em 1990; e *real* em 1994.

A mesma mercadoria que em janeiro de 1981 se comprasse por 1 milhão de *cruzeiros* custaria 91,4 milhões de *cruzeiros* em janeiro de 1986 e 150,8 mil *cruzados* em dezembro desse ano. Estaria custando 8,8 milhões de *cruzados* em janeiro de 1989 e 159,2 mil *cruzados novos* em dezembro de 1989. Em maio de 1992, o preço seria de 28,6 milhões de *cruzeiros*; e 10,4 mil *reais* em julho de 1994.

Pior confusão prevaleceria se fosse usada a moeda local para indicar o valor de carteiras de ações. Como se sabe, ações desdobram-se com o passar dos anos, com o conseqüente aumento da quantidade inicial adquirida; mas em 1986 foram cortados três zeros da quantidade de ações existentes; em 1989 foram cortados três zeros das cotações na Bolsa; em 1994, o número foi dividido por 1.000.

Acredito já estar entendido o motivo da conversão em dólar dos valores que aqui aparecem. O dólar também se desvaloriza, mas o ritmo de sua depreciação é lento demais para causar distorções na compreensão do texto.

Acho necessário dizer ainda por que em determinados momentos, no decorrer deste livro, menciono com destaque o jornal econômico-financeiro *GAZETA MERCANTIL*.

Durante a década de 80, este livro foi praticamente gestado no ambiente da *GAZETA MERCANTIL*. Tanto no jornal como na revista *BALANÇO FINANCEIRO*, editada pelo mesmo grupo, desempenhei as funções de redator e articulista sobre assuntos da Bolsa.

Para reunir material, sempre utilizei à vontade os amplos arquivos da *GAZETA MERCANTIL* e também as minutas de entrevistas feitas na preparação de incontáveis matérias que, enfeixadas aqui, presumo terem

dados força e vivacidade ao conjunto da obra.

Grande parte do material aqui contido está impregnado de relatos, observações e ideias que saíram publicados sob a minha assinatura na *GAZETA MERCANTIL* e na *BALANÇO FINANCEIRO*. Cumpre observar, todavia, que diversos desses textos, aqui inseridos sob a rubrica de LEITURA COMPLEMENTAR, nem sempre são exatamente iguais à publicação original, por terem sido atualizados ou adaptados.

Grupos numerosos de participantes do mercado acionário sempre me disseram que a *GAZETA MERCANTIL* apresenta no dia a dia a mais coerente e a *menos incompleta* seção de matérias e comentários sobre as Bolsas de Valores. É um elogio, partindo de quem parte. *Menos incompleta* porque seu noticiário chega *ao ponto em que é possível chegar*, uma vez que a Bolsa tem uma região impenetrável onde são guardados segredos fundamentais. E quando o assunto é Bolsa, ninguém faz matéria completa.

Para o leitor que não estiver familiarizado com termos técnicos e do jargão específico – que não foi possível evitar – fiz incluir nas últimas páginas deste livro um glossário sucinto.

Pela colaboração que prestaram na elaboração desta obra, desejo expressar agradecimentos aos amigos Antonio Manghachian, Arley Vianna, Carlos Kayatt Neto, Hércules Bianchi e Sebastião Bernardino Rodrigues. Também agradeço aos jornalistas Elpídio Marinho de Mattos, Klaus Kleber e Roberto Müller Filho, sem os quais este livro não teria sido escrito.

Décio Bazin

Outubro/1994

ÍNDICE

LIVRO I

PARTE I – INTRODUÇÃO

Certa manhã, no outono de 1992

CAPÍTULO I – Eu, operador sem malícia

CAPÍTULO II – Crises e *crashes*

PARTE II – A AÇÃO E O PREÇO

CAPÍTULO I – A empresa e a ação 53

CAPÍTULO II – Quanto vale a empresa 57

CAPÍTULO III – Quanto vale a ação

CAPÍTULO IV – O preço justo

PARTE III – POR QUE INVESTIR EM AÇÕES

CAPÍTULO I – Dividendos, a única motivação

CAPÍTULO II – Acionista minoritário, esse insolente

CAPÍTULO III – O dinheiro que circula⁹

CAPÍTULO IV – Os riscos do mercado acionário

PARTE IV – FÓRMULAS PARA INVESTIR

CAPÍTULO I – Um clube fechado

CAPÍTULO II – Lucros no mercado à vista

CAPÍTULO III – Especulações Modernas

PARTE V – O INVESTIDOR VAI DESAPARECER

CAPÍTULO I – A invasão estrangeira

CAPÍTULO II – *Crashes* necessários

LIVRO II

PARTE I – O MERCADO

CAPÍTULO I – Mercado e Bolsa

CAPÍTULO II – Estágio para o manicômio

CAPÍTULO III – Balaio de escorpiões

CAPÍTULO IV – Tecnomania, essa praga

PARTE II – CINCO PERSONAGENS

CAPÍTULO I – Os personagens do Mercado

CAPÍTULO II – Manipulador, o maestro

CAPÍTULO III – O Especulador e seu vício

CAPÍTULO IV – Especulador novato, essa figura lamentável

CAPÍTULO V – A alta hierarquia dos Institucionais

CAPÍTULO VI – Investidor Pessoa Física, figura olímpica

PARTE III – OS QUE ATRAPALHAM O MERCADO

CAPÍTULO I – Um território neutro

CAPÍTULO II – As culpas da Imprensa

CAPÍTULO III – As culpas do Governo

CAPÍTULO IV – As culpas da CVM

CAPÍTULO V – As culpas da Bolsa

PARTE IV – APÊNDICE

CAPÍTULO I – Mercado de Opções. O que é. Como é

CAPÍTULO II – Lucros com opções

A) Mentalidade Especulativa (I). Compra e venda. *Day-trades*

B) Mentalidade Especulativa (II). Venda de opções a descoberto

C) Mentalidade Investidora. Compra de opções para exercer

D) Mentalidade Financiadora. *Hedge* perfeito. Venda coberta de opções

E) Mentalidade Neutra. Fechamento de contratos sem emprego de capital.

Trava. *Superhedge*

GLOSSÁRIO

LIVRO I

PARTE I

INTRODUÇÃO

Certa manhã, no outono de 1992

CAPÍTULO I – Eu, operador sem malícia

CAPÍTULO II – Crises e *crashes*

Certa manhã, no outono de 1992

09h29

Falta um minuto, e o operador Marcão está dentro do recinto, esperando que o diretor do pregão dê início aos trabalhos. Pela porta continuam entrando operadores, a maioria com o telefone sem fio na mão, e também auxiliares vestidos de jaleco amarelo.

Naquela manhã, logo ao chegar à corretora, Marcão foi avisado pelo chefe de que havia ordem de venda de 2 milhões de Belgo Mineira PN por 850. Ficaria a seu cargo executá-la, por ser o operador mais experiente da firma.

O chefe é um rapazola extrovertido, genro do dono da corretora, entusiasta mas não muito entendido em assuntos do pregão.

– Sei que é difícil vender papel que está perdendo liquidez –, disse o chefe. – Ainda mais ao preço fixado pelo cliente. E ele quer a colocação em lotes não inferiores a 100 mil. Ponha todo o seu empenho nessa venda, por favor. O vendedor é meu companheiro de clube, sujeito muito rico, que poderá vir a operar conosco em larga escala. Está testando a nossa eficiência. Ah, tem mais uma coisa. Deveremos vender tudo até às 13 horas.

No pregão não há nada impossível, mas papel com pouca liquidez, a preço fixo e para vender em lotes redondos... Belgo vinha sendo negociada no máximo a 80 mil por dia. Como vender 2 “quilos”? Para não pressionar os preços, a técnica é vender vagarosamente, colocando 10 mil para um aqui, 5 mil para outro ali... Com esse vagar iria demolindo o lote aos poucos, como fazem aqueles operários que quebram pedras. Tão cansativo quanto, mas não há outro modo. Todavia, vender um papel desse tipo em lotes mínimos de 100 mil é quase impossível. Só com uma sorte fenomenal. Para agravar as coisas, enquanto trabalhar com o papel precisará negociar outras ordens que forem aparecendo.

Atualmente, os seis operadores que sua corretora mantém no pregão atuam em todos os postos, jogando em todas as posições. Antes da

introdução do Sistema Cats, em 1990, pelo qual operações são fechadas eletronicamente, o salão ficava congestionado de operadores, comprando ou vendendo, nos postos designados para cada papel, as ações que fossem apregoadas.

Neste momento só podem ser apregoados de viva voz dezenove nomes de empresas; uma vez que há 569, os restantes 550 só são negociados através do Cats.

Por causa da concentração dos negócios, as corretoras não mais precisaram manter tantos operadores nos pregões; dispensaram alguns e reaproveitaram outros em atividades internas.

Os operadores remanescentes ficaram sem iniciativa e agora são tratados nas corretoras como simples cumpridores de ordens.

Agora são dezenove as ações apregoadas; há seis meses eram vinte e três, e cinquenta há dois anos. O número vai se estreitando, provavelmente até a hora em que teremos não mais do que cinco, justamente os papéis especulados. Outros operadores terão de mudar de atividade, uma vez que seu espaço terá sido ocupado por computadores.

Fervilham boatos, todos otimistas. A inflação está contida. Presume-se queda substancial nas taxas de juros assim que se abrir o mercado financeiro. Os estrangeiros deverão continuar comprando Telebrás a qualquer preço. Telebrás é o papel do momento.

09h30

Soa a campainha. O diretor do pregão declara abertos os trabalhos. Um “laranja” grita:

– Pago 12 pela OTC1 Telebrás!

Não mencionou quantidade, o que pode significar que ele compra tudo o que aparecer.

– Fechado para 20 “quilos”! –, responde uma voz. O fechamento do dia anterior tinha sido de 11. A puxada inicial era o sinal que o pregão queria para imprimir dinamismo aos negócios. Um alarido ergue-se no recinto. Magotes de operadores atropelam-se para chegar primeiro ao “laranja”. Querem vender 10, 15, 30 “quilos” de opções da Telebrás. O “laranja” aponta com a caneta para o felizardo que gritou primeiro, que é puxador, e que lhe entrega o boleto para que o rubrique. O vendedor sai da roda para levar o papel ao balcão dos computadores.

Imediatamente, os terminais de vídeo de todo o País, ligados ao pregão de São Paulo, indicam Telebrás OTC1 e índice em alta: +0,4.

Naquela hora, que é o despertar da Bolsa, centenas de Especuladores e Investidores estão discando para as corretoras, começando a congestionar suas linhas telefônicas.

Como o índice está em alta, predominam as ordens de compra. Nos postos negociam-se ativamente opções de Telebrás, Paranapanema, Vale do Rio Doce, Petrobrás e Usiminas. Marcão não tem dificuldades para executar diversas ordens. São ações que têm compradores quase cativos: Brahma, White Martins, Banespa, Itaubanco, Cemig, Unipar...

Tudo a preços de mercado. Moleza.

Mas nenhuma oferta para Belgo. Esse papel é um dos dezenove privilegiados que podem ser negociados no pregão de viva voz. Mas Belgo está sem liquidez, e o cliente não deseja quebrar o lote.

A voz do chefe está no telefone sem fio, perguntando ansioso a situação do mercado para Belgo.

– Não abriu ainda –, responde Marcão secamente.

Nem bem começaram os trabalhos e já está irritado com o sem fio, esse instrumento de tortura inventado para castigar os nervos dos operadores. Não bastasse a canseira do pregão, os operadores têm de andar de um lado para outro com o sem fio na mão ou grudado ao ouvido.

De repente, Marcão dá-se conta de que esse aparelhinho é indispensável instrumento de trabalho. Poucos operadores se deslocam atualmente para as cabinas nas comunicações com as corretoras.

O chefe volta a insistir. Lembra que a venda de Belgo, até às 13 horas de hoje, é ponto de honra. O cliente precisa ser conquistado.

– A primeira operação que ele faz conosco não pode falhar em hipótese nenhuma –, acentua o chefe.

10h09

O índice vai a +0.9 e começa a recuar.

Entram boatos pessimistas. Os estrangeiros que vinham trazendo milhões de dólares para compra de Telebrás pararam de negociar. Parece que eles receberam análises sombrias dos resultados trimestrais da empresa. As fundações ainda não compraram nada; resolveram esperar até que se esclarecessem dúvidas sobre preços do estanho no mercado

internacional.

Os sustentadores de Telebrás não conseguem aguentar a pressão de incontáveis ofertas de venda que surgem de todos os lados. Telebrás à vista vacila, arrastando consigo os prêmios de opções e as cotações dos principais papéis. O índice desaba como um prédio implodido e vai para -0.5.

Marcão lembra-se de ter comentado no dia anterior, com um amigo, que desde janeiro do ano passado não deixara de cumprir uma única ordem. Essa sequência está para ser quebrada, com a missão impossível de vender hoje 2 milhões de Belgo a 850.

Um sentimento de mau agouro vislumbra-se em sua mente quando ele vê surgirem no vídeo negócios pequenos de Belgo a 840 e depois a 820. A corretora Omega, que há algumas semanas vinha dando liquidez ao papel, está silenciosa.

Cautelosamente, Marcão fala com um dos operadores de Omega, tomando cuidado para não dar a impressão de que quer vender.

– Qual é a sua disposição de hoje para Belgo?

– Não sei dizer. Ainda não recebi nenhuma ordem de venda desse papel.

– Nem de compra?

– Nem de compra.

Não é muita informação. O colega pode estar mentindo, blefando como todos os outros. No jogo de ações não é proibido blefar antes de dizer “fechado”, que é a palavra definitiva.

O chefe comunica estar tentando entendimento com Investidores Institucionais, para ver se há interesse no lote da Belgo. Implorar negócios é hoje quase rotina.

– Só Institucionais é que têm capacidade para engolir tanta Belgo de uma só vez –, explica o chefe. – As corretoras que consultei não disseram nem sim nem não. Somente me pediram para aguardar. Suspenda por enquanto as vendas de Belgo e se concentre nos outros negócios.

Bem, ordem suspensa é ordem inexistente. Marcão está aliviado, porque agora sua longa sequência de ordens executadas não será mais interrompida – se o chefe não lhe devolver a bola.

Ele ouve no meio de uma roda:

– Pago 22 por 500 mil Ceval PN.

– A 22 eu vendo 500 mil –, declara Marcão.

– Fechado.

Marcão preenche o boleto, com o sem fio preso entre a orelha e o ombro todo entortado; pega a rubrica da parte compradora e leva o boleto para o computador.

10h38

Como se fossem latas mal colocadas numa prateleira, algumas *blue-chips* que estavam inabaladas dão um tranco e começam a desmoronar. O índice agora é -1.0.

Mais boatos pessimistas continuam a circular. Os estrangeiros continuam despejando Telebrás. Eram falsas as notícias sobre a queda da inflação. Os bancos abriram pagando juros muito mais altos do que ontem. A Vale não consegue fechar um negócio importante de venda de minério de ferro.

– Agora, adeus –, suspira Marcão, olhando para o último negócio de Belgo a 820.

Ignorando os avisos de NÃO FUME, um Especulador calvo de jaqueta vermelha, que do “aquário” tinha expedido ordem para compra de OTC1 Telebrás, está fumando em estado de quase desespero. Pagou 12 por um papel que está agora a 9.

Mais ordens continuam chegando a Marcão pelo sem fio, a maioria de venda. Uma voz clama seu nome. É o chefe:

– E Belgo?

– Está a 820, chefe. Vender a 850 nem em sonhos.

No meio do alarido, ouve uma voz sussurrante:

– Vendo 50 mil Brahma PN por 480.

– Fechado! –, replica Marcão, à distância.

No pregão, durante todo o tempo você precisa estar “ligado” no que se fala. Tudo nele objetiva transformar-se em negócio. O que se diz dentro do pregão é oficial: essa é uma das primeiras lições que os novatos aprendem quando começam a trabalhar na Bolsa. E ninguém tem o monopólio das conversas nem dos apregoamentos; a qualquer momento você pode entrar atropelando e falar por cima dos que conversam numa roda. Se disser “fechado”, nada mais pode impedir a concretização do negócio. A ninguém é permitido retirar o que falou.

Marcão apõe sua rubrica no boleto que o vendedor lhe estende.

Os ares agora começam a mudar; sopra um vento renovador. Circulam boatos otimistas e agradáveis. Os estrangeiros estão voltando com ímpeto, recomprando Telebrás a preços mais atrativos. O ministro da Economia declarou que a inflação do próximo mês se estabilizará. O presidente do Banco Central garantiu que a alta dos juros de hoje foi apenas um reajuste.

O índice ensaia uma reação que logo se acelera: -1.0, -0.4, 0.0, +1.0, +1.80. Marcão ouve o operador da Baluarte apregoar que compra 15 mil Belgo por 830. Uma voz grita 840 e outra 850.

Marcão fala com o chefe:

– Belgo está dando sinal de vida. Há oferta de 15 mil por 850. Posso entrar nessa?

– Não, não! –, grita o chefe. – A bola é minha. Não se meta em negócios de gente grande. Acho que vamos conseguir enfiar tudo de uma só vez. Notei algum interesse por Belgo, mas ninguém abre o jogo. Dizem que o rádio está dando notícias favoráveis à empresa.

11h32

Recrudescer a boataria otimista. O Banco Central confirma que a partir de amanhã começam a cair as taxas de juros. Vale do Rio Doce assina hoje um contrato de bilhões de dólares. A Petrobrás descobriu mais petróleo.

Sobe firme o índice, para +2.2. Agora quase todos os papéis apresentam alta. O mercado parece um arraial em dia de festa. Marcão executa as ordens que a cada momento a mesa lhe passa. É como enxugar gelo.

Um dos operadores da Baluarte sai de sua roda e fica discretamente ouvindo a conversa de um grupo de quatro. Um diz que vende Petrobrás a 13.000, o segundo a 13.150, o terceiro a 13.300 e o quarto a 13.500.

– Tudo fechado! –, irrompe no meio deles o operador da Baluarte, em voz alta e impositiva. – Tudo a 13.500. Preencham os boletos com a quantidade que quiserem. Estou comprando tudo o que houver de Petrobrás.

Assina os boletos e sai para fazer um giro. Chega-se a Marcão, diz algumas banalidades e depois sapeca, em tom confidencial:

– Acaba de dar na televisão que o presidente da Petrobrás anunciou a descoberta de grande campo de petróleo. Agora sim que o Mercado ferve.

Depois vai circular mais um pouco. Marcão surpreende-o num diálogo

com outro operador, no qual ele diz exatamente a mesma coisa. Influenciado, esse operador transmite o recado pelo sem fio.

– Nessa eu não caio –, pensa Marcão. – Eu não nasci ontem. Se fosse dar atenção a todas as mentiras que são plantadas dentro do pregão, ficaria sendo joguete na mão de irresponsáveis. Toda vez que uma alta se prenuncia aparecem engraçadinhos espalhando boataria velhaca.

Mas o “aquário” está agitado. Marcão olha para lá e vê diversos Especuladores fazendo sinais para que operadores cá embaixo comprem Petrobrás. Parece um diálogo de surdos-mudos, mas eles se entendem. Petrobrás à vista, que abrira a 13.300, pula para 13.500 e depois para 14.500. O índice vai a +2.5.

Chega pelo sem fio uma ordem incisiva da corretora:

– Suspenda todas as ordens de venda e compre tudo a mercado.

O chefe entra na linha:

– Eu ainda não acertei a venda de Belgo. Estou negociando agora com a Indusval e logo teremos novidades. Desta vez ou vai ou racha. A propósito, o Mercado inteiro está sabendo de um esquema de puxada de Petrobrás. A Baluarte compra “aos caminhões”. O que você está fazendo aí dentro? Dormindo ou coçando o sapato? Por que não nos avisou? Estão “chovendo” aqui telefonemas de clientes furiosos. Eles acham que nós os estamos passando para trás.

Não adianta discutir com chefes. Marcão vê reforçada a opinião de que seu chefe é amador ingênuo. A Baluarte comprava “caminhões” e do outro lado vendia “navios”, operando nas duas pontas. Marcão está convencido de que a história da Petrobrás é uma farsa.

12h00

Desmentem-se os boatos sobre Petrobrás, Telebrás, Vale do Rio Doce, Paranapanema....

Na verdade, o encontro dos dois ponteiros do relógio é quase sempre a hora de definição da Bolsa. Nesse momento, todos já sabem o que podem esperar no pregão daquele dia e fazem pausa para respirar e fazer avaliações. O índice cai para +2.2 e fica aí durante dez longos minutos.

Desconfiado do suspense, o Especulador calvo de jaqueta vermelha faz sinal do “aquário” para o operador vender suas opções de Telebrás por 14, o que o deixará satisfeito com o lucro de 2 por ação. Na roda, o operador

fica gritando por um comprador até ser ouvido. Fecha o negócio, volta-se para o “aquário” sem nenhuma alteração nos traços fisionômicos e põe para cima o polegar. Dá para ver daqui debaixo os dentes do Especulador, num amplo sorriso.

O índice começa a recuar devagarinho: +2.2, +2.0, +1.8.

Não há mais clima para boatos. Aparentemente, todos se cansaram de participar de farsas. Não há disposição para mais nada.

Marcão recolhe a antena do sem fio e põe o aparelho no bolso. Decide não mais usá-lo hoje. Suas orelhas estão ardendo por manter o aparelho grudado ao ouvido. Além disso, uma regulagem malfeita distorce o som e provoca dores nos tímpanos. Quem cumpriu mais de setenta ordens já ganhou o direito de descanso e de pequena rebeldia. Através do sem fio, os operadores da mesa acham que têm superioridade e podem caçoar dos operadores de pregão, impondo-lhes piadas sem graça e admoestações sem sentido. Hoje, pequenos autocratas, não mais.

O auxiliar vem apressado:

– O chefe quer você na cabina.

Marcão vai ao telefone da cabina.

– Marcão, estou há séculos tentando falar *contigo*.

– O sem fio esta com interferência.

– Marcão querido, escute bem. As conversas para colocação de Belgo falharam todas. Os interessados se retraíram e fogem de nós como se fôssemos leprosos. Falamos com corretoras, fundos de pensão, seguradores e o diabo. Tudo fracassou. Marcão, Marcãozinho, você precisa vender 2 milhões de Belgo a 850. Você não vai querer perder o seu recorde, vai? Eu agora coloco outra vez o lote na sua mão de ouro. Você foi designado para essa tarefa porque tem experiência, tem perspicácia, tem um talento imenso. Daqui para a frente você só vai trabalhar com Belgo. Hoje eu não o perturbo mais. Só fico aqui no meu canto aguardando o seu telefonema salvador.

12h27

Não foram criados novos boatos. Os retardatários de *day-trades*, que sempre esperam a última meia hora do primeiro turno para zerar as suas posições, agora têm pressa.

Índice em declínio, mas ainda positivo: +1.2.

Marcão não se comove com os apelos do chefe, esse aprendiz que ainda precisa ser desasnado, ou seja, precisa perder as orelhas, o rabo, as patas e os hábitos de burro jovem.

Não, por causa dele não mudará seu estilo, que consiste em operar vagarosamente e com segurança. Sente o peso da responsabilidade, mas de que adiantará sair gritando que precisa vender Belgo? Vender e comprar não depende da vontade de só um. Não se pode querer vender se não há ninguém querendo comprar.

O chefe pensara que seria fácil enfiar o papel na goela de alguém. Encontrou indiferença, e agora, faltando poucos minutos para o encerramento do pregão, devolve-lhe a bola como se fosse batata quente. Se estivesse com o papel desde o início, e ininterruptamente, talvez conseguisse vender alguma coisa, no máximo umas 50 mil ações, mas jamais os 2 milhões que compõem todo o lote.

De qualquer modo, nos últimos minutos empenhar-se-á com toda a alma em favor da “causa” do chefe, mais pela disposição de cumprir corretamente a missão do que pelo desejo de agradar ao genro do dono.

Discretamente, passa a circular entre as rodas, oferecendo com calma e em tom monocórdio:

– Tenho lote de Belgo por 850.

É um anzol. Quem sabe alguém morderá a isca. O operador da Souza Barros paga 850, mas só quer 5 mil. Marcão explica que o lote mínimo é 100 mil.

As ordens destinadas a zerar posições aceleram a queda nos preços, mas o índice é ainda positivo, em +0.5. O fim da feira está se aproximando.

Chega ordem da mesa para Marcão concentrar-se na venda de Belgo. Parece que todos na corretora estão fazendo “corrente pra-frente” para que tudo dê certo.

– Agora nem se o anjo Gabriel descer à terra –, diz Marcão para o auxiliar. Fala sem emoção, mas está atento. É que ele sabe por experiência que todo jogo só acaba com o apito final do juiz.

Ainda há grande atividade, mas agora só para zeramento de posições de *day-trades*.

12h59

A maioria dos operadores já se retira. O diretor do pregão está

impaciente, ao pé da banquetta que domina o pregão, olhando para o relógio.

O índice recua mais e fica ao redor do fechamento de ontem: +0.2.

Afinal, ou não havia esquema para levantar Petrobrás ou o esquema que havia falhou. Ninguém mais quer saber se a empresa descobriu ou não petróleo. O papel, embalado pelas compras dos que acreditam em boatos, chegou a subir para 14.500, mas tornou-se pesado e recuou aos poucos para 13.000 – os 13.000 do início –, até que se completou o zeramento de todos os *day-trades* feitos com o papel.

O “aquário” está agora quase vazio.

Depois que recebeu o último apelo do chefe, Marcão nada mais fez além de procurar algum interessado em comprar Belgo. Foi esforço inútil. O preço agora é 850, mas os últimos negócios foram feitos em quantidades picadas, como 8 mil, 4 mil, 2 mil...

– Não “empurrou” nada? –, vem perguntar o auxiliar, demonstrando ansiedade.

– Nada. Meu recorde de quase dois anos está indo para o espaço. Eu não tenho a capacidade de criar compradores. Sou profissional correto, nunca entrei em mutretagens... Bom, deixa pra lá, vamos esquecer. Afinal, não cumprir uma ordem, por mais necessária que seja, não é o fim do mundo, não é nenhuma tragédia. Amanhã será outro dia.

Uma voz tira-o do devaneio.

– É você que está vendendo Belgo? –, pergunta o operador da Indusval.

– Sim, em lotes mínimos de 100 mil.

– É, mas eu quero 2 milhões.

– A que preço?

– A cotação é 850.

– A 860 nós fechamos “na cabeça” –, diz Marcão, fingindo desinteresse.

– Vamos parar com isso. O boleto já está até preenchido. Assine aí.

Mal é passado o boleto no computador, às 13 horas em ponto, o diretor do pregão encerra os trabalhos com um toque na campainha e algumas palavras ao microfone.

Marcão vai à cabina para falar com o chefe. Uma voz informa-o de que o chefe saiu há 15 minutos para almoçar com o gerente da Indusval, com quem tinha sido fechado “um grande negócio com Belgo”.

A voz tem um recado do chefe para Marcão:

– Boas amizades valem mais do que experiência. Hoje em dia, os melhores negócios são feitos nos bastidores.

Capítulo I

Eu, operador sem malícias

No começo da década de 60, toda manhã eu saía da corretora em que trabalhava, à rua XV de Novembro, e caminhava até o antigo prédio com fachada de linhas clássicas da Bolsa de Valores, hoje Tribunal de Alçada.

O prédio fica defronte ao Pátio do Colégio. Segundo a lenda, nesse local foi fundada a Cidade de São Paulo.

A caminhada era feita em poucos segundos. Quando sobrava tempo, eu costumava andar até o pátio e esvaziar um saquinho de milho na frente dos pombos, possivelmente no mesmo local em que, quatrocentos anos antes, o Padre Manoel da Nóbrega reunia indiozinhos para aulas de catecismo.

Às vezes eu ainda me sentava num degrau do monumento que em 1925 a Prefeitura erigiu como expressão de GLORIA IMMORTAL AOS FUNDADORES DE SAO PAULO.

A alta grade de ferro que cerca atualmente o monumento é de data mais recente. Foi colocada depois que terroristas tiraram a marretadas uma lasca na parte inferior do monumento, como protesto contra o regime militar.

Quando não ventava, eu tirava do bolso do paletó, para separá-las, as ordens de compra e venda de ações que me tinham sido entregues na corretora e que seriam executadas por mim no pregão da Bolsa.

Nós operadores da Bolsa ganhávamos tão mal como qualquer empregado de escritório. Todos fazíamos “bicos” em outros tipos de trabalho para sobreviver. Eu mesmo completava meus magros ganhos trabalhando como repórter do jornal *O ESTADO DE S. PAULO*.

Não éramos como alguns operadores de hoje, que agem como os crupiês dos cassinos e que muitas vezes ganham fortunas no meio de estonteantes

prestidigitações. Não tínhamos nenhuma chance de manipular.

Recentemente, eu soube que certo operador, “laranja” de Manipuladores, é dono de fazendas de gado em Minas Gerais, compradas com o dinheiro ganho em intermediação de manipulações.

Então me ocorreu uma intrigante questão: por que corretores e operadores não investem na própria Bolsa o dinheiro que ganham ali?

Não conheço nenhum profissional do setor que compre ações para deixar numa carteira de longo prazo. Pelo que sei, todos eles compram ações só para tentar obter lucros a curtíssimo prazo. Na alta, eles as soltam, como se os papéis lhes queimassem as mãos. Quando conseguem bons lucros, imobilizam-nos em terras.

Suponho que instintivamente eles não acreditem na perenidade do Mercado.

Nos meus tempos de operador, a única modalidade de negócios existente na Bolsa era à vista, mas em quantidades muito pequenas por causa da estreiteza dos volumes e da liquidez.

As corretoras conseguiam a maior parte das suas receitas negociando com câmbio ou repassando para o público títulos de renda fixa emitidos pelo governo ou por empresas particulares. Não tinham departamento de ações como hoje o conhecemos.

O único modo de manipular colocado em prática era o mais grosseiro e visível. De repente, surgiram no meio do pregão três ou quatro senhores desconhecidos e com ares despachados que começavam a comprar e vender a preços cada vez mais altos, negociando entre si.

Os demais operadores se afastavam e deixavam espaço em branco no meio do recinto, como se faz nos bailes quando dançarinos mais hábeis começam uma exibição.

– O governo está comprando –, sussurrávamos uns para os outros.

Por que o governo estava comprando ninguém sabia. Poderia ser tentativa de reanimar o Mercado, mas na maior parte das vezes essas altas artificiais acabavam depois de alguns pregões.

Poderia ser também que algum alto burocrata estivesse repassando para o governo ações que tinha comprado dias antes em seu nome pessoal.

A poeira se agitava um pouco, mas depois se assentava. E voltava a calmaria de sempre.

Em nossa corretora, tínhamos um colega da parte administrativa que

vivia cercando pessoas para explicar-lhes suas teorias sobre os negócios da Bolsa. Ele exibia balanços do Banco do Brasil e apontava, entusiasmado, para os níveis das reservas sobre o capital social.

– Compre BB –, aconselhava ele, gesticulando e chegando até a incomodar as pessoas que ainda tinham a paciência de ouvi-lo. – Quando esta empresa começar a bonificar, o Mercado estoura e você fica rico.

Havia um pouco de fanatismo no tom da voz, mas as palavras tinham a aura da profecia. Encontrei-o recentemente, aposentado e alquebrado. Confessou-me que por falta de dinheiro nunca participou da Bolsa. Garantiu que, se na época pudesse dispor de qualquer sobra para aplicar, seria hoje grande Investidor e não precisaria viver da miséria que a previdência oficial lhe pagava.

Exatamente como ele achava que ia acontecer, o Banco do Brasil, a partir de 1966, começou a fazer seguidas emissões de papéis gratuitos em percentuais elevados.

Um conhecido meu comprou mil ações do BB em janeiro de 1967 por um custo que era igual à metade do preço de um automóvel Volkswagen. Ao receber a cautela de mil ações, pequena e azul, e estalando de nova, ele a exibia sem esconder o orgulho.

Durante três anos, esse Investidor recebeu benefícios e subscreveu emissões ao preço mínimo. Na ocasião em que o Banco do Brasil, contribuindo para as comemorações da conquista da Copa do Mundo de 1970, triplicou seu capital, ele ficou dono de 30 mil ações do BB.

Oito meses depois, no meio do grande *boom*, esses papéis valiam uma soma que na época permitiria ao investidor comprar dez apartamentos de luxo, cada qual valendo hoje 400 mil dólares.

A fortuna teórica operou nele estranha transformação, fazendo-o perder todo senso de perspectiva. Lamentava-se por não ter investido mais dinheiro na época em que era possível comprar ações a preços baratos. Em tom místico, dizia ter desprezado um aviso de Deus.

Por não ter nenhuma flexibilidade, esse cidadão manteve-se firme segurando as ações do BB, que hoje, trinta anos depois, valem a metade de um apartamento.

A primeira lição severa que tive como investidor do mercado acionário foi quando adquiri no balcão, para mim próprio, lotes de ações da empresa comercial Cássio Muniz, concorrente do Mappin, que funcionava em ampla

sede na Praça da República.

O corretor que me vendeu esses lotes segredou-me que, quando as ações entrassem na Bolsa, seu preço triplicaria por força do “esquema” que já estava montado.

Assegurou-me também que a Cássio Muniz tinha acabado de publicar um balanço “notável”, e que a companhia era proprietária de numerosos imóveis na capital e no interior que por si sós valiam mais que dez vezes o valor da subscrição.

Era pura fantasia. A empresa faliu logo depois de receber o dinheiro dos incautos, quando então se apurou que não só não possuía nenhum imóvel como também estava há meses sem pagar o aluguel do prédio onde se havia instalado.

A venda das ações da Cássio Muniz ao público foi uma patifaria, que fez desaparecerem minhas economias de seis meses de trabalho árduo e sacrificado. Decidi que daí por diante jamais voltaria a comprar qualquer ação com base em suposições ou fatos não comprovados.

No tempo em que trabalhei como operador de pregão, participei de três *booms*:

1) o de 1966, quando o governo obrigou as empresas a reavaliar seus ativos;

2) o de 1969, quando o governo quadruplicou o capital do Banco do Brasil e desencadeou um processo em que muitas empresas resolveram entrar para a Bolsa;

3) o de 1971, quando o governo, para iniciar uma campanha de aumento de produção de aço, manipulou o preço das ações das siderúrgicas estatais que já estavam na Bolsa.

Desses três *booms*, somente o de 1971 terminou no *crash* que marcou a Bolsa como um mercado perigoso manejado por depenadores profissionais.

CAPÍTULO II

Crises e *crashes*

Contribuiu para o *boom* em 1971 o mercado a termo, artilosa modalidade implantada inicialmente na Bolsa do Rio e destinada a alavancar operações com pouco dinheiro.

O Especulador comprava uma ação a termo para vencimento futuro em 30, 60, 90, 120, 150 ou 180 dias, depositando 10% do valor total da operação, no qual se incluíam os juros. Mais tarde, conforme se aceleravam os negócios, essa margem foi sendo gradativamente aumentada até chegar a 33%.

Na fase de implantação do mercado a termo, se o papel subisse 10% no mercado à vista o Especulador ganharia 100% sobre o valor da margem de garantia. Liquidava então sua posição e vendia o papel à vista, apoderando-se da diferença, que logo aplicava em outra operação a termo, em valor alavancado. E assim sucessivamente. Em poucas rodadas, era possível alavancar o capital inicial de 1 x 100 ou mais.

Essa excentricidade inédita, inventada por gênios sem vintém para ganhar o máximo com o mínimo de capital, atraiu milhares de pessoas de todos os Estados. E provocou uma “corrente da felicidade” que só poderia desembocar em desastre, como de fato ocorreu em junho do mesmo ano.

Mesmo com a experiência adquirida em longa vivência nos pregões, que me alertava para só comprar à vista, sucumbi à tentativa de operar a termo para mim próprio, como qualquer novato desavisado.

Como o Mercado se achava em alta ininterrupta, a alavancagem era tão forte que, tendo começado com muito pouco dinheiro, em cinco meses (de janeiro a maio) eu já era dono do equivalente a 300 mil dólares.

Porém, o dinheiro fácil deteriora a mente das pessoas. Eu dava uma “tacada” jurando que seria a última, mas logo em seguida voltava a comprar em valor mais alto, levado pelo impulso do jogo.

Como os jogadores inveterados, eu voltava sempre a jogar. Por fim, entrei numa tacada que foi realmente a definitiva.

Menos de uma semana depois de uma compra cuja lembrança hoje me faz correr um frio pela espinha, os preços de todos os papéis começaram a cair como pedaços de chumbo.

Os papéis que caíram mais depressa foram os que, no ponto mais alto do *boom*, eram vendidos a preços muitas vezes acima do seu valor patrimonial. Eram os *meus* papéis.

No auge do *boom*, os preços pagos com naturalidade pelos participantes excederiam toda capacidade de compreensão – se analisados agora. Para exemplificar a irracionalidade vigorante, mencionarei o que acontecia com os quatro principais papéis da época: Banco do Brasil, Vale do Rio Doce, Petrobrás e Belgo Mineira (ver Tabela).

Nome	Dividendos	Preço	Valor Patrimonial	Cash-yield	Preço justo (*)
BB	0,20	52,00	2,00	0,4%	4,0
Vale	0,12	48,00	1,60	0,3%	2,0
Petro	0,12	18,00	1,40	0,7%	2,0
Belgo	0,12	15,00	1,30	0,8%	2,0

(*) Em função dos dividendos

No caso do Banco do Brasil, eu não sabia que estava pagando 52 por um papel que valia 4. À luz dos conhecimentos que tenho hoje, o valor justo é apurado pela seguinte regra de três simples:

Dividendo anual: 6 :: Preço justo:x

multiplique o dividendo anual por 100 e divida por seis; ou, mais fácil ainda, multiplique o dividendo por 16,67.

Seis é taxa fixa, representado o cash-yield ou taxa básica anual de rendimento de ativos financeiros. Será mencionada exaustivamente neste livro.

Em 1971, o papel mais caro, BB, tinha o cash-yield de 0,4, muito abaixo da taxa básica que é 6. É por isso que a ação BB estava superavaliada: para um preço justo de 4, a cotação atingia 52, ou 13 vezes mais do que seu valor real.

Ninguém dava atenção a certos senhores de cabelos brancos que apontavam para essa discrepância e consideravam irracionais os preços vigorantes. Pelo

contrário, os Especuladores caçoavam deles e diziam que os preços estavam até muito baratos, uma vez que BB entraria logo na Bolsa de Nova York e não seria negociada por menos de 50 dólares.

Tratava-se de ficção delirante, das muitas que inundaram o Mercado em 1971. Alguns anos depois, como se sabe, a ação BB era vendida abaixo de 2, preço que os sobreviventes do Mercado proclamavam caro demais, quando inequivocamente estava barato.

Em 1979, o preço de BB atingia seu ponto mais baixo, ou seja, 1,20. O *cash-yield* era então de 7,5% por semestre, acima do básico *anual* mundial, que é 6%.

No mercado à vista, em qualquer época, é praticamente impossível perder todo o patrimônio. A não ser as ações de empresas que entram em falência, as outras têm comportamento perfeitamente previsível.

Uma vez que numa queda as baixas são sistemáticas, os preços descem como em cascata, o que dá ao participante a oportunidade de cair fora com perdas suaves.

Como exemplo, citarei as ações da Vale do Rio Doce, que despencaram de 50 para 1, mas no longo período de oito anos (1971 a 1979). Qualquer Especulador que não fosse teimoso poderia ter saído honrosamente a qualquer momento até o segundo ano.

Todavia, no mercado a termo, no qual em 1971 os incautos costumavam aplicar em margens de garantia todo o capital que possuíam, na ânsia de alavancar os lucros, as decisões teriam de ser tomadas rapidamente, pois a guilhotina já estava caindo.

Sobre a cabeça do Especulador que estivesse comprometido no termo pairava sempre uma espada ameaçadora: os reforços de margem que a Bolsa exigia para garantir a execução dos contratos. Para o Especulador que estivesse com a corda esticada ao máximo, ou melhor, com todo o seu capital colocado nas operações, como era frequente na época, os reforços de margem exigidos quando os preços caíam constituíam verdadeiro terror.

Eu mesmo vi na corretora, na iminência do *crash*, senhores ricos com os nervos em frangalhos, chorando como crianças, quando chamados para reforçar margens.

O indivíduo, já naturalmente tenso com a desvalorização continuada do seu patrimônio, e com inúmeras noites sem dormir, não tinha mais nervos nem para atender o telefone. Podia ser seu corretor avisando com voz rouquenha e impessoal que era preciso depositar mais margem para reforçar a garantia.

Nessa hora, o Especulador sentia que o chão estava frágil e que não era possível firmar os pés no soalho.

Num Mercado que estava implodindo, havia um momento em que todas as operações de termo exigiam reforço de margem. Dos Especuladores eram exigidas somas que não mais tinham disponíveis e que não conseguiam tomar emprestadas.

Para a maioria, só restava liquidar suas carteiras a preços aviltados e que mais se aviltavam à medida que os compradores se retraíam. Tinha chegado a hora do salve-se-quem-puder, a mais terrível de todas as horas da Bolsa.

Foi um clima assim que uma queda de 20% no mercado à vista levou para o ralo o meu capital, que estava totalmente aplicado em margens de garantia.

Se eu soubesse na ocasião o que vim a saber mais tarde sobre o preço justo das ações, teria encerrado minha posição logo que as cotações atingiram valores que distorciam qualquer comparação.

Os meus 300 mil dólares ganhos em teoria, que na época me permitiriam comprar à vista quatro apartamentos de três dormitórios num bairro de primeira classe de São Paulo, na verdade eram miragem.

Por uma dessas fantasias próprias do mercado acionário, esse dinheiro nunca existiu de fato a não ser na minha mente.

Entrei no Mercado sem nada, e saí sem nada. Eu e a Bolsa estávamos quites, um sem nada dever ao outro.

Mais tarde, porém, eu voltaria.

O *crash* de 1971 representou o fim da minha experiência como operador da Bolsa. Fiquei reduzido a quase nada, sem dinheiro e mal empregado. E com uma dor na consciência que me acompanhou por muitos anos como uma farpa espetada n'alma.

Mas não perdi o humor. Até fiz piadas sobre a minha situação, que afinal era semelhante à de muitas outras pessoas. Escrevi na época, para um jornalzinho de empresa, pequeno conto que sintetiza o drama dos que perderam o que tinham.

O FUNDO DO POÇO

Não me lembro de tudo, “sêo” Delegado. Mas parece que o caso foi mais ou menos assim:

Há meses que todo mundo só falava em Bolsa de Valores, cotações, riquezas, bancários que tinham investido o 13º salário em ações e agora eram banqueiros. Eu fui dos últimos a entrar: queria antes ter a certeza de que a coisa funcionava. Minha mulher era dona de umas economias em letras de câmbio, eu sempre gostei de economizar; e, além disso, o meu fusca já estava

pago.

Um colega apresentou-me ao corretor. Bons tempos. Belgo Mineira de 14 caiu para 12, por causa de umas ações falsas que surgiram no Mercado.

– Belgo a 12 é o fundo do poço –, segredou-me o corretor. – Vai fácil para 28 em menos de três meses.

Empreguei primeiro as minhas economias. Três dias e Belgo disparou para 18. Arrependi-me de não ter resgatado as letras de câmbio da minha mulher e enterrado tudo em Belgo. Mas ainda tinha o fusca, que vendi por dez “milhas” à vista. Então, houve um recuo de Belgo para 15.

– É uma queda técnica –, inventou o corretor. – Belgo a 15 é moleza, é até covardia.

Assim, eu enfiei o dinheiro do fusca na Belgo para aproveitar a “queda técnica” a 15. Belgo depois caiu para 13, 12, 11...

– Belgo a 11 é o piso –, explicou o corretor, com toda a sua sabedoria técnica. – Não pode cair mais. Nossos analistas fizeram um estudo e chegaram à conclusão de que esse papel está...

– ... no fundo do poço –, completei.

Parecia que estava mesmo. O papel batia em 11, depois subia para 13. Resgatei as letras de câmbio da minha mulher e entrei na Belgo a 10 numa repentina “queda técnica”. Eu pensei que estava começando a entender o jogo. Só que logo as coisas começaram a ficar meio esquisitas. Belgo caiu para 8, depois subiu para 10. Quando caiu para 7, o corretor telefonou-me excitado:

– Belgo a 7 é inacreditável. Quer entrar numa tacada grande, mas grande pra valer? Você faz uma operação a termo, nós entramos com a garantia. Esse papel vale no mínimo 15. Na próxima virada do Mercado você faz um faturamento alto. E a alta está iminente.

E eu entrei no mercado a termo, cheio de esperanças. Só que um mês depois fui chamado para liquidar o termo. Belgo estava a 4. Fui ao escritório do corretor, para fazermos o acerto de contas final.

– É, infelizmente não deu certo –, falou ele, com toda a segurança dos profissionais consumados. – São coisas do Mercado. Mas na Bolsa a gente se refaz depressa. É hora de comprar ma-ci-ça-men-te. Neste momento, nós já estamos abaixo do fundo do poço.

O acerto final foi assim: fiquei a zero, sem nada. Minhas economias, o fusca, as letras de câmbio da minha mulher... Tudo perdido. Fui saindo, meio zozinho.

O corretor fez questão de acompanhar-me até o elevador. Chegamos. Devido a algum defeito, a porta estava escancarada para o vazio, para os dez andares do poço de elevador. E o corretor falando, falando... Tive uma privação de sentidos, ou coisa semelhante.

Dizem, “sêo” Delegado, que empurrei o homem. Não sei. Não me lembro. A única coisa de que tenho certeza é que, afinal, o corretor conseguiu achar o fundo do poço.

Essa historieta agradou às pessoas que, direta ou indiretamente, tiveram alguma relação com as glórias e misérias do *boom*. Inesperadamente, ela começou a circular em cópias por todo o Mercado. Saiu até reproduzida na revista *VISÃO* e em outros órgãos da imprensa escrita, sempre com omissão do nome do autor.

Se eu quisesse, na época poderia ter exigido o pagamento de direitos autorais, que, segundo um advogado amigo meu, eram “líquidos e certos”.

Mas eu não tinha ânimo para brigas, e naturalmente não estava, como nunca estive, atrás de prêmios de consolação.

Passei dois anos absorvido no trabalho e fazendo economias para tentar recompor minha vida. Um dia vi um alvoroço entre o pessoal do meu bairro, que tinha recebido a informação de que a área onde morávamos iria ser desapropriada pela Prefeitura para abertura de larga avenida.

Dei um murro na testa. Confirmava-se o provérbio de que a desgraça nunca vem só. Depois de ter nas mãos, na Bolsa, uma fortuna que poderia ter-me tornado independente, perder também a casa própria, que é o último refúgio dos viventes honestos, equivalia a cair do cavalo e ainda por cima levar um coice.

Mas como o mundo não pertence aos que aceitam a derrota sem lutar, não perdi tempo com lamúrias e tratei de construir casa nova, bem longe de ameaças de desapropriação, num terreno que dez anos antes eu tinha comprado baratíssimo no bairro do Butantã. Eu não conseguira vendê-lo na época do *boom*, quando as pessoas não queriam saber de outro negócio que não fosse a Bolsa.

Como os recursos eram escassos, a construção arrastou-se por sete longos anos e somente foi terminada em fins de 1979.

Nessa ocasião as empresas já se estavam adaptando à Lei das S.A., de dezembro de 1976, que as obrigava a repartir pelo menos 25% dos seus lucros líquidos com os acionistas.

Por coincidência, na época fui avisado oficialmente de que não mais haveria desapropriação e assim fiquei com uma casa sobrando. Recebi boa proposta para vender a casa nova; vendi-a, e com o dinheiro obtido voltei ao mercado de ações.

Meus parentes ficaram decepcionados, passando a considerar-me um caso perdido. Eu ouvia insinuações de que “os ursos perdem os pelos mas não perdem os vícios”, com sombrias previsões sobre o futuro da minha mulher e

dos nossos dependentes.

Mas ninguém sabia que eu era agora outro homem, já amadurecido pelos reveses, e que conhecia o terreno em que pisava e sabia o que queria e aonde podia chegar.

Na década de 80, enquanto eu escrevia para a *GAZETA MERCANTIL* e a revista *BALANÇO FINANCEIRO* sobre o mercado acionário, convivi com Especuladores e Investidores de todo os graus e caracteres. E nas Bolsas apliquei dinheiro meu, o meu dinheiro chorado, ganho só no trabalho.

Por aplicar esse dinheiro eu sempre estive um passo à frente dos outros comentaristas, do rádio, da televisão e de publicações impressas, que não tinham experiência prática no ramo.

Algumas vezes sofri abalos com os azares do Mercado. Ao traduzir meus aborrecimentos e perplexidades nos artigos que escrevia, percebi pelas reações dos leitores que eu lhes transmitia a credibilidade que advém da sinceridade. Afinal, eu era um deles, e dispunha de um espaço que não tinham. Eles se identificavam comigo e entendiam o que eu lhes dizia.

Ao mesmo tempo, por dever de ofício, colecionava tudo o que pudesse encontrar sobre o assunto específico da Bolsa e que tivesse sido publicado na imprensa nacional e internacional.

Fiz uma coletânea de tamanho razoável. Tenho até textos em japonês, sobre a Bolsa de Tóquio, que naturalmente mandei traduzir para o meu uso.

Todo esse material foi-me de utilidade fundamental não só para minhas atividades profissionais na imprensa como também em aplicações na Bolsa.

Nos meus arquivos, encontro pastas contendo correspondência de leitores que, estimulados por um ou outro tópico em meus artigos que lhes faziam lembrar experiências próprias, me contavam também os seus tropeços. Veja por exemplo esta narrativa:

– Jamais esquecerei aqueles dias de 1971. Na época estava ainda cursando o grupo escolar, e morava com meus pais numa fazenda da família, propriedade com 200 alqueires, no Paraná, produtora de soja e outras culturas, terra de primeiríssima qualidade. Certo dia, depois de conversar com capitalistas da cidade, meu pai trouxe a ideia estranha de vender a fazenda para aplicar dinheiro no mercado de ações.

É que todo mundo estava fazendo exatamente isso. Ninguém mais queria trabalhar e produzir, quando se afirmava que em dois meses se triplicava dinheiro somente dando ordens por telefone para um corretor da capital.

A propriedade foi vendida e nós nos mudamos para a cidade.

Tudo foi muito bem no começo, mas depois a Bolsa caiu.

Meu pai ainda salvou pequeno capital, que, todavia, só foi suficiente para comprar uma chácara de cinco alqueires. Você já ouviu a história do orgulhoso exportador de soja que virou chacareiro de ovos? Pois esse homem foi meu pai. Minha mãe passou a fazer doces para vender. Depois do horário escolar eu ia para as ruas engraxar sapatos e entregar jornais.

No dia da morte de papai, mamãe obrigou-me a jurar para jamais fazer duas coisas: participar de jogos de azar e jogar na Bolsa.

Trata-se de dolorosa tragédia familiar, que mudou o destino de várias pessoas inocentes.

Releio também este depoimento:

– A primeira vez que entrei na Bolsa foi em 1971, o ano do boom. Comprei ações porque era moda comprar; todo mundo comprava.

Não havia como evitar conversas sobre ações – em casa, no local de trabalho e até nas filas.

Colegas de serviço diziam com arrogância que estavam enriquecendo e já se consideravam capitalistas consumados, prontos para o dia em que não mais precisassem trabalhar para ganhar a vida.

Muitos deixaram o emprego para poder acompanhar na Bolsa o desenvolvimento dos negócios.

Primeiro coloquei alguns “trocados” e tive grande sucesso. Qualquer papel que eu comprava subia e eu parecia mágico: era escolher no boletim e mandar bala. Eu enriquecia em estado de graça.

Foram dois ou três meses de fantasias loucas, mas um dia a festa acabou.

Tive um prejuízo que até hoje evito calcular. Fiquei um ano inteiro mergulhado na fossa. Não tinha coragem de encarar ninguém de frente. Pensei várias vezes em suicídio. Minha mulher não aguentou o meu azedume e separou-se de mim. Minha vida deu uma guinada de 180 graus; para trás.

Quinze anos depois eu já estava recuperado, mas para vergonha minha voltei à Bolsa novamente. Foi em 1986, quando o governo decretou a inflação zero.

A Bolsa disparou de imediato como um foguete. Meu ex-cunhado, sujeito que nunca tinha dado um passo certo na vida, apareceu em casa engravatado e perfumado, garantindo que tinha feito fortuna com ações da Paranapanema.

A Bolsa estava subindo a 200% por mês. Entrei com tudo o que tinha conseguido economizar a duras penas desde 1971.

Foi comprar e ver o Mercado desmoronar. Mas com a experiência da desgraça anterior tive o bom senso de cair fora e salvar o que pudesse.

Hoje percebo o grau da minha ignorância. Quando somos atraídos para a Bolsa, ninguém nos explica o que é aquilo lá.

De modo geral, os jogadores do *boom* suportaram o *crash* com relativa dignidade. A maioria dos que perderam afastou-se para curar as feridas em outro lugar. Poucos voltaram.

Eu somente soube de um caso comprovado de suicídio. Foi de um judeu sem dinheiro chamado Moshe. Esse cidadão ouvira uma “dica”, das muitas que circulavam pelo mercado, e pôs fé cega num papel que estava “estacionado” há várias semanas, numa fase em que o Mercado disparava na direção das estrelas. Tomou emprestado todo o dinheiro da cunhada viúva – que precisava da quantia para viver – e o aplicou numa operação a termo.

Na primeira chamada para reforço de margem ele se matou debaixo de um relógio que na época existia na Praça da Sé, local de encontro de namorados. Sei do suicídio porque Moshe era meu cliente. Fui eu que fiz para ela a operação fatídica.

Veteranos da Bolsa asseguram que houve inúmeros suicídios, afirmação que, todavia, é difícil de comprovar. A censura militar da época impedia que os jornais publicassem notícias que fossem desabonadoras para o regime.

As próprias famílias cercavam o fato de sigilo, para não se arriscarem a perder a indenização por seguros de vida, que, como se sabe, não cobrem suicídios comprovados.

Afirma-se também que médicos eram bem pagos para atestar enfartes como *causa mortis*, mesmo quando o falecido tinha visível buraco de bala na cabeça.

Tive um amigo de infância que por pouco escapou do suicídio. No começo do *boom* de 1971, em janeiro, ele entrou na Bolsa com 100 mil dólares, passando a alavancá-los com operações sucessivas no mercado a termo. Em junho, tinha em giro cerca de 2 milhões de dólares.

Quando a Bolsa quebrou, liquidou suas posições, muito contrafeito, e o máximo que conseguiu apurar foi 108 mil dólares. Um dia, notando que ele estava particularmente perturbado, acompanhei-o durante a tarde inteira pelo Centro de São Paulo, tentando demovê-lo de alguma ideia sinistra.

Fiz-lhe ver que, afinal, se tinha entrado no negócio com 100 mil e agora estava com 108 mil, sua situação não era tão desesperadora como a de muitas pessoas que tinham perdido tudo o que possuíam.

Mas percebi que nada do que eu dissesse poderia consolá-lo. Era um caso para internação rápida num hospital psiquiátrico ou numa casa de repouso para desequilibrados mentais.

Antes, porém, que eu pudesse tomar alguma providência, ele entrou num táxi e desapareceu. Completamente fora de si, foi para casa, deu um abraço na esposa e dirigiu-se para o quarto a fim de cumprir o último ritual com um tiro de garrucha no crânio.

Nesse momento, sua filhinha entrou para o beijo do sono. Poderia ter sido o beijo da morte, mas a visão daquela criança de olhinhos inocentes fez voltar nele um último resquício de humanidade.

Foi o que o salvou. No dia seguinte, levantou-se cantando, dirigiu-se para a Joalheria H. Stern e comprou com 8 mil dólares um presente para a esposa. Ficou com os 100 mil dólares originais, a mesma quantia que possuía quando iniciou sua aventura na Bolsa, que passou a considerar como um pesadelo que precisava ser esquecido.

Eu sei de todos esses detalhes porque ele mesmo me contou, como amigos de infância que somos, para os quais não há segredos.

Chegou a desembargador do Estado. Aparentemente superou todos os traumas. Nunca mais voltou à Bolsa.

Tenho também nos meus arquivos lamúrias tristíssimas do *crash* do Encilhamento no Rio, em 1892, de famílias cariocas outrora abastadas que caíram na miséria depois que seus chefes se arruinaram na compra e venda de títulos.

Noto que em todos os quadrantes do globo e em todas as épocas os detalhes são semelhantes. Até parece que os atores dessa tragédia continuamente se revezam em diferentes papéis.

Um desses personagens é o humorista Groucho Marx, que em sua autobiografia *GROUCHO AND ME* conta como se arruinou a Bolsa em 1929. Primeiro ele explica como se deixou envolver pela ganância e depois descreve o pânico que desencadeou o *crash*.

E relata (em tradução livre):

– *Alguns dos meus conhecidos perderam milhões. Tive mais sorte, pois só perdi 250 mil dólares, que representavam 125 semanas de trabalho a 2 mil dólares por semana. Tivesse mais dinheiro para aplicar mais teria perdido. Mas o que perdi era todo o dinheiro que eu tinha. (Os 250 mil dólares em 1929 equivalem hoje a 5 milhões de dólares).*

Assim Groucho comenta o final da sua desventura:

– *Creio que o único motivo que me animou a continuar vivendo foi a circunstância de que todos os meus amigos se achavam na mesma situação que a minha. Os que sofrem uma desdita financeira ou qualquer outro tipo de desdita consolam-se com a companhia de pessoas tornadas infelizes pelo mesmo motivo.*

Um dos arruinados pelo *crash*, o humorista Eddie Kautor, fez sucesso contando na Broadway que os porteiros dos hotéis, ao registrarem hóspedes solitários, perguntavam-lhes se queriam o quarto para hospedagem ou para se atirarem pela janela. Para cada caso, um preço.

Dessas narrativas, certamente algum proveito poderá ser extraído como advertência. Mas a principal lição nelas contida é a de que a *grande maioria das pessoas não tem a mínima noção do que seja Bolsa*.

O Mercado deveria ser um local acolhedor, em que as pessoas se reunissem não com a intenção de tentarem ser mais espertas do que as outras, mas com a mentalidade dos que se dedicam à tarefa honesta e simples de vender, comprar e trocar mercadorias.

O caso é que a Mercadoria lá oferecida não tem preço fixado conforme seu valor ou utilidade, mas de acordo com a disposição dos compradores para adquiri-la seja a que preço for.

Há ainda um detalhe especial. Figurativamente digamos que, se um comprador louco se dispuser a comprar um repolho pelo preço de um automóvel, não poderá fazê-lo na Bolsa num só momento. Todavia, se o fizer aos poucos até atingir o seu objetivo, essa atitude será até aplaudida, uma vez que, no entender de todos os outros que estão no recinto, ele estará contribuindo “para elevar o nível dos negócios dentro das regras do jogo”.

A maior parte dos que lá se encontram não pretende utilizar os bens adquiridos, mas compra-os unicamente para vendê-los mais caro com lucro, que é a sua única motivação.

Preste atenção leitor, porque isto é fundamental: mais de 95% das ações apregoadas nas Bolsas de Valores de todo o mundo são negociadas não pelo que valem, mas por preços escandalosamente falsos e sem nenhuma correspondência com valores intrínsecos.

Para culminar, valor intrínseco ninguém explica o que é. E ninguém se detém para duvidar se o preço das ações negociadas pode estar muito acima do valor real da coisa negociada, como geralmente está.

Aqueles 95% não dão renda compatível com o preço. Mas, mesmo assim, as ações continuam sendo negociadas por valores altos, porque sempre aparecem para comprá-las pessoas que esperam vendê-las por preços mais altos ainda.

Quanto mais altos esses preços, menos intrinsecamente valem os papéis, porém mais compradores aparecem para eles.

Fora as poucas e espaçadas vezes em que recolhe capital na Bolsa, uma empresa não ganha nada com a circulação das suas ações pelo Mercado. Emprasta seu nome para operações nebulosas, das quais não é informada e sobre as quais não tem o menor controle.

Em grande parte das vezes, seus próprios administradores atuam veladamente em jogadas manipuladoras e especulativas, usando testas-de-ferro que são profissionais do Mercado.

Mas o dinheiro ganho desse modo não vai para os cofres da empresa.

Os problemas da supervalorização dos preços seriam muito menores se as operações fossem feitas exclusivamente à vista, como eram no começo da Bolsa.

O comprador escolheria a Mercadoria e a levaria para casa depois de pagar o preço. Salvo erro de avaliação na hora da decisão de comprar, em princípio ele não se interessaria por vendê-la. Primeiro desejaria desfrutar dos rendimentos, tirando o proveito esperado da aquisição.

Mas um modo de atuar como esse traria limitações demais para o tamanho das ambições da Bolsa e das corretoras. Para compensar o aumento crescente das suas despesas e obter espaço para progredir, elas precisam elevar os volumes e as receitas.

Por esse motivo é que para a Bolsa e as corretoras é vital que as ações tenham giro rapidíssimo. Daí o encorajamento que se dá à manipulação e à especulação.

É por isso também que inovações que possam atrair mais pessoas para o Mercado são sempre muito bem-vindas.